FEMINISMO E EQUIVALÊNCIA MATERIAL

No dia 08 de março de 2014, Dia Internacional da Mulher, vi algumas amigas de Facebook fumando charutos. Alguns amigos, também de Face, postaram que viam no charuto um objeto fálico e que Freud explicaria tal ação.

Discordei. Pois, não via no charuto objeto fálico, nem explicação freudiana. Via sim uma ação política saudosista e, simbolicamente, um retorno aos anos 60. Naqueles tempos, as mulheres buscavam não só direitos e igualdade social, mas uma equivalência material. Se os homens não usam sutiãs, soltam “pum” e arrotam à mesa, as mulheres, para serem equivalentes, tinham por obrigação fazer o mesmo. Foi uma grande disputa sexista. Historicamente penso que tal disputa foi válida. Pois, as mulheres necessitavam se afirmar como um "eu" entre os "eus" masculinos que imperavam soberanamente. O simbolismo do retorno é que, em 1968, porque os homens não usam sutiã, queimaram-no. Hoje mudaram o objeto queimado. Fumaram charutos, porque homens fumam charutos.

Antes que me trucidem, quero deixar claro que sempre defendi e defendo os direitos de igualdade das mulheres. Pois, fui e sou um homem cercado de mulheres por todos os lados. Tive relacionamento sério com quatro mulheres, tenho três filhas e quatro netas, obviamente uma mãe e duas avós. Mas, não é só por isso que defendo as mulheres. Defendo-as porque penso que elas são tão ou mais humanas do que os homens. Porém, sempre dizia que, na sociedade brasileira, os machistas não são os homens, e sim as mulheres que reproduzem o nosso discurso machista. Dizia que eu era (sou) machista porque minha mãe havia me educado machistamente. Mais tarde descobri que, além de machista, eu também era covarde. Transferia minha responsabilidade para uma mulher. Aliás, pela nossa cultura judaico-cristã, temos o primeiro ato de covardia do homem no mito adâmico. Adão negou sua responsabilidade e ainda “dedurou” Eva. A minha covardia era apresentada com uma argumentação de “boa” aparência sociológica. Argumentava que quem educa as meninas e os meninos são, inicialmente, as mamães de sangue, com participação reduzida do papai. Nas creches e no ensino infantil (pré-escola) são as mamães sociais que as educam. No fundamental, até a 5ª série são as “titias”. Às vezes aparece um professor de educação física para brincar 1 hora, por semana, com a “piazada”. Só a partir da 8ª séria aparecem os professores em quantidade, aproximadamente, igual à das professoras. Aí o caráter da “piazada” já

está pré-formatado. Menino não chora, veste azul, brinca com carrinho e faz “xixi” em pé, mesmo que “meleque” a borda e o chão ao redor vaso. Menina chora, veste rosa, brinca com boneca e faz “xixi” sentada. Se uma titia vê um menino brincando com boneca, imediatamente avisa a mãe. A mãe tem um “xilique” e o papai quer levar a criança para o psiquiatra. Hoje, sabedor do meu machismo, todas as manhãs eu faço um ato de contrição: Hoje serei menos machista, do que fui ontem! É uma luta diuturna. Pois, o nosso machismo está “entrincheirados” em nossa linguagem. Então, para acabar com nosso machismo temos que mudar a nossa linguagem.

Confesso que estou preocupado como alguns grupos apontam as formas de luta pelos direitos da mulher e chego pensar que é uma nova proposta de luta entre gêneros. Pois, há uns 10 anos, num debate sobre questões feministas, na Unioeste de Toledo, opus-me a uma tese parecida como essa, defendida pela então, diretora de ITAIPU, Gleisi Hoffmann. Há época apontei que as mulheres não eram uma classe social e os homens outra. Logo, o problema não era de gênero, mas de classes. Visto que, os problemas e vicissitudes das mulheres operárias eram diferentes dos problemas e benesses das mulheres empresárias. Defendi que as operárias deveriam se organizar nos sindicatos de trabalhadores e as empresárias, nas associações empresariais. Pior, a precarização do trabalho da mulher operária é maior que do homem operário. Já, as benesses da mulher empresária são as mesmas do homem empresário. Também apontei que a única coisa que é transversal nessa questão feminista é a violência contra a mulher. Pois, tanto a mulher operária quanto a mulher empresária sofrem agressões masculinas em suas casas, nas ruas, etc., fruto do machismo que baliza a sociedade brasileira.

A luta de classe era uma visão política-revolucionária. Porém, hoje a luta de classes foi substituída pelas questões de gênero, etárias e pela convergência da classe média no reformismo no sistema capitalista. Tanto é verdade que o maior partido da esquerda brasileira não busca resolver os problemas sociais pela política-revolucionária, mas, pelo moralismo caritativo das políticas compensatórias da socialdemocracia. Penso que, por essa convergência classista e esse moralismo caritativo, pautas identitárias, etc., a esquerda está definhando.

Curitiba, 12/03/14

Antonio Carlos